

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO: — Tarefa dos seculos. — Romance, O testamento do Sr. Chauvelin. — O retrato. — Capitulo dos milagres (contos da meia noite). — O espirito das animaes. — Os inuteis. — A dama dos cravos vermelhos. — Revista dos theatros. — Poesias, O Desengano, Enlevo, O Poeta. — Chronica elegante.

Tarefa dos seculos.

A revolução é inherente á humanidade. Se ella attingio ao estado actual de progresso, é o resultado de uma operação gradual, cujos marcos são assinalados, por um terremoto, um salto, uma revolução. — Não se riam os retrogrados; será rir da propria cegueira. Não me incumbe de lhes dizer, antes outros o tem repellido, e eu de boa vontade me faço aqui um eco.

Uma revolução deu nova feição á massa primitiva das sociedades. Foi a primeira transformação. Todos os Genesis fallam de um diluvio: invasão de aguas. Será um symbolo? Essa invasão de aguas bem pôde ser uma invasão de idéas. A arca que o novo mar veio sustentar como um fragmento do mundo antigo, não é talvez, uma reliquia de tradições das verdades decahidas?

As lendas são descóradas de verdade. As imagens eram tão frequentes nos primeiros espiritos, que o facto muitas vezes se envolve naquella nevoeiro de phantasias. Os primeiros livros da humanidade estão enfeitados; a historia primitiva é uma ode; a realidade transparece dubia atravez de estrophes.

São poesia estas palavras. La vem a sciencia com o mastodonte em mão protestar uma passagem de aguas. Fora com o lyrismo! o espirito quer observação, quer terra para pousar; e as mythen não tem solidez.

Alto lá! esse mesmo espirito tem apprendido que uma utopia é sempre a crysalida de uma

verdade; são verdades precoces, disse a primeira cabeça do seculo.

E' assim.

Utopia ou não, houve de certo uma primeira revolução para o espirito humano. Foi sem duvida destinada a mudar a face primitiva da humanidade nascente, e faze-la entrar em uma outra formula de existencia.

Não preciso aqui épocas, lembro o facto; o facto, porque não podia deixar de haver uma revolução antes de tudo. Dez suppõe um.

Essa foi a primeira palavra da humanidade. Depois a phrase; depois um grupo de phrases, a oração; depois um grupo de orações, o periodo; depois um grupo de periodos, a pagina.

O livro não está longe

Quaes as vantagens desta longa evolução dos povos? de todo este caminhar laborioso da humanidade?

Tres são: a religiosa, a social, e a philosophica. Esses tres principios sobre que repousa a razão humana, fundem-se com as revoluções, transformam-se no labor dos seculos; e a razão em busca de verdades, toma sempre um conhecimento novo no fim de cada um desses periodos de abalo.

O problema religioso, teve já uma solução final? Parece que não. O espirito humano tem ainda sede de convicções, e o altar não parece farta-lo de verdades.

Entretanto o que é incontestavel é que o Céu se rarefaz, e a alma, como Icaro, com azas que não de cera, já sobe para alem do sol.

A moral evangelica, pregada no meio dos desvários da raça humana, tendia á fusão das classes, ao ampliamento das faculdades civicas do homem; estabelecia, de longe ainda, a idéa da regeneração social; e condemnava de face a autocracia romana, civilisação de ferro que fechava no circulo de sua força todos os respiradouros aos outros povos.

Era uma revolução.

Mas ainda assim não satisfazia a alma humana; alguma cousa ficava ainda no *statu quo*; era ainda a fé, a fé cega que se levantava sobre todos os movimentos da humanidade, a fé, que fazia a apothecose do sacrificio, e que canonisava os suicídios lentos da sombra em proveito do santuario.

Chegou o Vaticano, erguido sobre as tradições do Golgotha. O Vaticano quer dizer o abuso; foi o abuso, foi a autoeracia religiosa. Era um peccado de forma; mas o dogma não ficava intacto no meio daquelles desvarios. Os espiritos analysando o exterior tinham de descer ao fundo; desceram.

Um novo calvario levantou-se: a fogueira; um novo Christo: João Huss.

O Vaticano inerte no meio da sua força, recorria á violencia para deffender-se de arguições mais que justas. Queimou homens em honra da moral que santificava a inviolabilidade humana. Anomalia atroz!

O reformador morreu sem reformar. Um dia, Luthero extranhando o supplicio de Huss, compulsou os sermões do immolado. Desta curiosidade nasceu a reforma.

A revolução completou-se. Luthero queimando a bulla, destruiu a autoridade papal, e atacava de frente a oppressão do Vaticano.

Desta vez o espirito humano ganhava mais: o exame e a discussão estabelecia-se como duas grandes faculdades da razão. Era um passo.

Ha que reformar? Ha. O protesto de Luthero não é ainda completo, e a influencia do catholicismo é ainda fatal. Examinar e ampliar a idéa religiosa de um lado, e do outro despi-la das antigas péas — é o que resta ao espirito moderno.

Mas o que é evidente é que a razão humana em estado de parturição successiva, attingio a um grão já subido de civilisação religiosa. Daqui em diante para os espiritos sãos e livres, o Vaticano não passa de uma tradição, tradição pungente da fogueira e do concilio; um calvario e uma comedia. Mais nada.

A reforma não é completa, mas é coerente, philosophica, evangelica. Despio a idéa religiosa das fórmulas de então; nem a bulla que regularisava as consciências, nem a canonisação que multiplicava o culto, são a lare da nova igreja. Cá não se prostituiu o Christo, nem se immolou a liberdade humana; foi o amor dos homens, o direito de discussão, e o culto da verdade philosophica que se levantou como moral. Ha mais evangelho aqui.

Está ou não assignalada a marcha ascendente do progresso religioso? Está. Nada revolução trouxe um conhecimento e uma liberdade ao altar.

Entretanto o espirito desceu! e o p...

tender a uma nova transformação religiosa. A razão humana tem sede de mais verdades, e quer primeiro que tudo regularisar uma fórmula ao culto. Essa fórmula não é de certo a unidade, porque a unidade religiosa é a oppressão, é a bulla, a fogueira, uma força estranha perturbando as nacionalidades, e forçando as consciências.

Nada de unidade de culto.

O espirito foi já muito longe para comportar a autoridade suprema da thiara. Em sua marcha para o infinito, deixou atraz esse circulo de ferro, e para novos horisontes caminha. Luthero disse: pensa! Elle levantou-se e pensou. A machina desapareceu; o homem agora não é só fragmento social, é tambem uma força pensadora e productiva. Não conhece autoridades supremas, por que uma parte da autoridade universal existe em cada espirito.

Apez a fé com pés e mãos atadas, vem a razão sem circulo nem péas.

(Continua.)

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

IV.

O MEDICO DO REI.

(Continuação de n. 10.)

Depois de alguns instantes o rei interrompeu o silencio.

— Pois bem, meu amigo; já que fallámos á este respeito, raciocinemos tambem um pouco. Diz que eu já tenho destructado tudo neste mundo, não é assim?

— Disse, e ainda o repito, Sire.

— A guerra, por exemplo?

— E ainda o duvida V. M. depois de haver ganho a batalha de Fontenoy?

— Então acha que é um espectáculo divertido a vista de milhares de homens feitos em pedaços, e cerca de quatro leguas de comprimento e uma de largura salpicadas de sangue, e sentir-se um cheiro tal de queimado que causa medo e até faz parar o coração?

— E a gloria, Sire?

— E, além de tudo isto, quem, quem ganhou a batalha? não foi o marechal de Saxe? não foi o duque de Richelieu? não foi sobre tudo Paquignoy e seus quatro mil e quatrocentos de artilharia?

— E o que importa isso? quem afinal colheu os louros do triumpho?

— E' esta a razão porque suppoê que não me farto de gloria? Ah! meu caro Lamartiniere, não soubesse como dormi mal aquella noite de Fontenoy!...

— Pois bem, uma vez que V. M. quer, deixemos de parte este genero de gloria e pensemos n'outro que V. M. pôde conquistar-se por meio dos pintores, dos poetas e dos historiadores.

— Lamartiniere, horroriso-me de todos esses homens que são ou fanqueiros ainda piores do que os meus lacaios, ou collossos de orgullo que não poderão passar nem por baixo dos arcos de triumpho erguidos a meu avô. Voltaire, por exemplo: aquelle fatuo não se lembrou um dia batendo-me no hombro, de appellidar-me traidor? Dizem-lhe que é elle o rei do meu reino, e o parvo acredita nisto. Não quero por conseguinte a immortalidade que desses homens poderia provir-me; talvez me fosse preciso pagar a mui caro neste mundo, e mesmo no outro.

— Então o que deseja V. M.?

— Desejo que a minha vida dure tanto quanto possível: desejo possuir tudo o que ambicionar; mas sem o soccorro dos poetas, dos philosophos, nem dos guerreiros a quem nunca me heide dirigir. Não, Lamartiniere, ouça-me bem: depois de Deus não gosto senão dos medicos, quando são bons, bem entendido.

— Com effeito, Sire!

— FALLE-me pois com franqueza, Lamartiniere.

— Estou ás ordens de V. M.

— Que molestia devo recear?

— A apoplexia.

— E morre-se della?

— Indubitavelmente, se o doente não for sanado a tempo.

— Lamartiniere, não quero que separe-se mais de mim.

— Isso é impossivel. Sire: tenho os meus fontes a quem preciso ver.

— A razão é boa: mas parece-me que a minha saúde interessa á França e á Europa tanto como a de todos os seus doctores reunidos; e assim, desde hoje, a sua cama será junto da minha.

— Sire!...

— O que lhe importa dormir aqui ou além, quando se trata de tranquillisar-me com a sua presença, que atemorisa a molestia, por que a molestia lhe conhece, e sabe que não tem outro amigo mais implacavel?

— Eis adô por que Lamartiniere achava-se a 25 de Abril de 1774, deitado em uma pequena cama na camera d'el rei de Versalhes, dormindo

ainda um profundo somno ás 5 horas da manhã, emquanto que o rei á muito estava acordado.

Luiz XV, que não dormia já, como dissemos, deu um profundo suspiro; e como um suspiro não tem significação positiva senão para o suspirante, Lamartiniere, que roncava em vez de suspirar, não o ouviu ou fingio que não o tinha ouvido.

O rei vendo que o seu medico era insensivel a este apello, inclinou-se sobre o leito e ao clarão de uma vela de cera que ainda ardia, contemplou o dorminhoco que estava coberto até á cabeça com os seus compridos lençoes.

— Ai!... ai!... repetio o rei.

— Lamartiniere ouviu-o; porem como uma interjeição tambem ás vezes escapa-se de um homem que dorme, não pôde por isso servir de motivo para que desperte outro.

O medico portanto continuou a roncar.

— Como é feliz por poder dormir assim! murmurou Luiz XV.

Depois accrescentou:

— Como são materiaes os medicos!... E fez um esforço sobre si mesmo para esperar ainda, mas passado um quarto de hora, vendo que elle não accordava resolveu chamal-o.

— O lá! Lamartiniere!

— O que é lá isso? rosnou o medico de S. M.

— Ah! meu pobre Lamartiniere! repetio o rei gemendo o mais lamentavelmente que poudé.

— Então o que aconteceu?

E o doutor depois de se haver espreguiçado, como um homem que tem consciencia de poder abusar de sua posição, desceu da cama.

O rei estava senlado na sua.

— Então, Sire. V. M. soffre? perguntou o medico.

— Creio que sim, meu caro Lamartiniere.

— Oh! V. M. está assustado.

— Muito assustado, é verdade.

— Porque motivo?

— Não sei.

— Pois sei eu, murmurou o medico: é por que tem medo.

— Tome-me o pulso, Lamartiniere.

— E' o que estou fazendo.

— E então?

— Marca oitenta e oito pulsações por minuto, o que é muito para um velho.

— Para um velho, Lamartiniere?!

— Sem duvida.

— Mas eu só tenho sessenta e quatro annos, e nesta idade ainda ninguem é velho.

— Nem moço tão pouco.

— O que me receita?

— O que sente V. M.?

— Parece que me sinto abafar.

— Pelo contrario. V. M. não tem senão frio.

— E estou vermelho?

— Qual! está pallido. Quero dar um conselho, Sire.

— Qual?

— Procure dormir um pouco que hade soco-gar.

— Como, se não tenho somno?!

— Explique-me então V. M. de que provem uma tal agitação.

— Oh! Lamartiniere, pois não advinha? en-tão não vale a pena ser-se medico.

— Dar-se-hia que V. M. tenha tido algum sonho não?

— Ora graças! foi isso mesmo.

— Por causa de um sonho! exclamou Lamar-tiniere erguendo as mãos para o céu; por causa de um sonho! Ora conte-me V. M. o que foi que sonhou.

— Ha cousas que não se dizem, meu amigo.

— Pelo contrario, tudo se diz neste mundo.

— Ao confessor, pôde ser.

— Neste caso vou quanto antes buscar o de V. M.

— Olhe que um sonho tambem ás vezes é um segredo.

— Sim, e outras vezes tambem um remorso. Tem razão, sire, tem razão.

E o doutor começou a apromptar-se para sair.

— Espere, doutor, espere, não se zangue. Sonhei... sonhei que levavam-me para Saint Denis..

— E que o carró dava máo commodo.. Ora quando V. M. fizer esta viagem não se lembrará mais de semelhante cousa.

— Deixe-se de brincadeiras, que o caso é muito serio, interrompeu o rei franzindo o sobrolho. Sonhei que levavam-me para Saint Denis, ainda vivo mettido em um caixão de veludo.

— E V. M. sentia-se incommodado nesse caixão?

— Sim, um pouco.

— Effeitos sem duvida de difficil digestão...

— Como, se eu hontem não ceei.

— Então foi porque o estomago estava vazio.

— Seria?

— Penso que sim: hontem a que horas sepa-rou-se da senhora condessa?

— Ha dois dias que a não vejo.

— Pelo que vejo, fizeste-a zangar?

— Ao contrario foi ella quem me fez. Fiz uma promessa que ainda não cumpri.

— Então apresse-se em satisfazel-a e faça por ficar contente.

— Não é possível estou abismado em tristeza.

— Ah! uma idéa.

— Qual?

— Almoce com o Sr. de Chauvelin.

— Almoçar! exclamou o rei, já se passou

aquelle bom tempo em que sempre eu tinha di-posição.

— Então não sei o que faça, exclamou o me-dico cruzando os braços. Não quer mais saber-dos amigos, não quer saber da amante, agora nem quer almoçar!.. Pensa que eu consentirei nisso? Sire declaro-lhe uma cousa e vem a sei-que se não mudar de habitos fica irrevogavel-mente perdido.

— Lamartiniere! o amigo me faz bocejar, a amante dormir, e o almoço me affronta.

— Então decididamente está doente.

— Ah Lamartiniere exclamou o rei, já fui por muito tempo feliz.

— E lamenta-se disto? Eis o que são os homens.

— Não; não me queixo do passado e sim do presente: á força de rodar, o carro gasta-se...

E o rei deu um suspiro.

— E' verdade, gasta-se, disse dogmaticamen-te o medico.

— De modo que as molas não trabalham mais; e eu aspiro já ao repouso.

— Pois bem, então deite-se a dormir, excla-mou Lamartiniere tornando-se a deitar.

— Deixe-me continuar a minha metaphora, meu bom doutor

— Ter-me-hei enganado, ou será agora V. M. poeta? Não será esta de certo uma das me-lhores enfermidades..

— Pelo contrario, sabe que eu detesto os poe-tas. Para condescender com Mme. Pompadour, fiz do toleirão de Voltaire meu gentil-homem: mas desde o dia que elle entendeu que devia al-cunhar-me de Tito ou Trajano, para mim aca-bou-se. Fallo agora sem poesia: quero dizer-lhe que é tempo de indireitar-me.

— Quer saber minha opinião, Sire?

— Quero, meu amigo.

— Pois bem, não se indreite, deite-se.

— Agora não é nada bom; murmurou Luiz XV.

— E' como digo. Quando fallo ao rei trato por V. M. quando dirijo-me ao meu doente não lhe dou nem mesmo senhor; assim deite-se que ainda temos hora e meia para dormir.

E o medico metteu-se debaixo de seus lençoes onde cinco minutos depois roncava de um modo tão expressivo que as proprias paredes da ca-mara Azul tremiam de indignação.

(Continua.)

O retrato.

O retrato é a copia do semblante, é a figura immovel representada sobre a tela: o retrato é a traducção do rosto.

O retrato é a imagem das feições, é a sombra colorida do semblante, é o espelho que mostra uma imagem fixa.

Serve de lenitivo e consolo o possuir o retrato da pessoa que nos deu o seu coração, ou que tem a nossa alma; parece então que nesse retrato, nessas feições que não envelhecem, nesses olhos que não se fecham, nesse semblante que não morre, nós vemos cada dia, o ente que não podíamos ver mais. Então as imagens dos nossos amigos não desaparecem da memoria, como os seus corpos se consomem no tumulo.

O retrato é uma lembrança viva do ente que morreu, é a necrologia do morto escripta pelo pintor.

Beulard, o melhor florista do seculo 8º, apresentou á rainha de França em 1774 uma rosa artificial, a qual encerrava, em um botão, o retrato da sua soberana.

Zeuxis, celebre pintor grego, retratou uma velha extremamente feia, e de tal modo achou o retrato parecido com o original, que morreu de riso a olhar para elle.

Nunca foi possivel tirar-se um bom retrato de Napoleão 1º, porque o olhar penetrante desse soberano distrahia os pintores.

Havia tambem um mandarim na China, que tinha tal carranca que causava riso a todo o pintor que desejava retratá-lo. Que cara de monstro tinha o tal filho do céu!

Camões, dando uma navalhada no rosto de uma sua imagem a que faltava certa cicatriz, exprimio-se assim:

Retrato, vós não sois meu,
Retrataram-vos mui mal,
Que ao serdes ao natural,
Foreis mofo como eu.

Indo uma senhora retratar-se começou a fazer a boca pequena, pequenina, até que o pintor aborrecido, exclamou: — Olhe, minha senhora, não se incomode; se quer, faça-a sem boca.

Conta-se que indo a morte buscar o pintor Rafael, quando entrara na officina do artista, em lugar de uma victima, encontrara duas, o pintor e o seu retrato, e querendo decidir-se por este, Rafael lhe disse: A mim é que vens buscar; não toques nesse Rafael, esse é immortal. É uma bella homenagem tributada pelo poeta ao genio desse celebre pintor.

Um pai desejando casar sua filha, mandou tirar-lhe o retrato, mas pediu ao pintor, que esculpindo-se do original, retratasse um rosto

formosissimo. Assim fez o artista. Apresentado o retrato a um moço, este enamorou-se da imagem, e prometeu que se casaria. . já se sabe com o original.

Chegando o pretendente a casa de seu futuro sogro, lhe foi apresentada a noiva, mas o sujeito ficou horrorisado da fealdade da menina, e negou a sua palavra; o pai esquentou-se, e então disse o noivo rindo-se: — Se V. S. quizer, eu caso-me com o retrato.

Depois que Daguerre descobriu o daguerreotypo em 1839, começaram a apparecer retratos extremamente semelhantes ao original, e então foi-se tornando facil a todos o mandar tirar o seu retrato.

Hoje todos desejam retratar-se, até os feios; e vê-se por ali certos retratos, cujos originaes parecem ser ursos ou macacos. Isto é máo; as crianças choram quando vêem as mascaras do Carnaval nas vidraças das lojas!

A moça formosa é quem deve retratar-se; é bello ver reproduzida a imagem de um rosto de Venus.

O retrato da mulher bonita captiva os olhos o prende os corações. Não sou eu quem o diz, são os namorados.

Hoje tem sido aperfeiçoada por diversos processos a invenção de Daguerre; assim a ambrotypia, emanotypia, panotypia e cromo-ambrotypia, são nomes gregos, que indicam processos de tirar retratos semelhantes ao original, e convenientes á algibeira.

M. de Azevedo.

Capitulo dos milagres.

(Contos da meia noite.)

Viviam em uma povoação dois irmãos, dos quaes um era pintor e o outro advogado. Amavam-se com ternura e moravam juntos. Ambos eram dotados de um espirito cultivado e a maior parte das vezes as suas conversas versavam sobre assumptos serios.

Intimamente inquietavam-se pelo futuro e procuravam decifrar os seus impenetraveis mysterios. — Aquelle que de nós morrer primeiro, diziam elles muitas vezes, virá visitar ao que sobreviver.

Ultimamente o pintor montou a cavallo e dirigio-se para um arrabalde pouco distante da cidade, onde devia demorar-se até uma hora da noite.

O advogado quando entrou em casa eram 11 horas da noite. A vizinhança dormia já, tudo parecia emmudecido. Atravessou o quarto de seu irmão allumiado por um bello raio de lua, que pelas janellas entrava e ia espreguiçar-se sobre

o seu leito, e notou que estava ainda tudo silencioso. Mas olhando para o leito viu-o occupado.

— O' lá! já veio? perguntou. Ninguém respondeu. Elle approximou-se e viu seu irmão deitado de costas, com os olhos e a boca meio fechados, o rosto impassível, descorado, e os braços estendidos ao longo do corpo que conservava-se immovel. Ainda uma vez chamou, e o mesmo silencio continuou. Estendeu o braço, e tocou em uma pelle fria e em uns membros inerte.

Espantado, accendeu a vella, olhou... o leito estava vazio.

— Terei enlouquecido? pensou elle consigo mesmo; que hallucinação será esta que me en, dondece?

O coração batia-lhe violento, e com o espirito atterrado elle não tinha animo de deitar-se nem mesmo de ficar em casa. Resolveu-se a sair.

Apenas acabava de fechar a porta viu ao longe um grupo de pessoas que para elle se dirigia. A' proporção que se approximavam mais e mais deixavam ver um feição, talvez, um homem inanimado, estendido sobre uma padiola. O advogado correu ao seu encontro.

— E' meu irmão?... exclamou com voz despedaçadora.

Tentaram afastal-o dizendo:

— Nada é, senhor: seu irmão cahio do cavallo, mas dessa queda não resultarão consequências serias.

— E eu digo-lhes que já está morto, interrompeu o advogado procurando approximar-se do corpo.

Com effeito já era um cadaver.

Tinha-se realisado a promessa.

O espirito dos animaes.

Este titulo pedi emprestado a uma das obras mais espirituosas que se tem até hoje publicado sobre os animaes.

E' ella de Mr. Toussoumel, e comprehende a historia natural com todos os attractivos do romance e toda a gravidade da philosophia. E' uma obra prima.

Os antigos admiravam-se como nós da fertil intelligencia dos animaes; e as numerosas legendas, de que temos noticia por seus livros, provam quanta importancia davam a tão importante parte da historia natural.

Os gregos e os latinos escreveram bellissimas paginas sobre as abelhas, e particularmente sobre os cães; e hoje não ha quem não conheça o capitulo de Plinio sobre os golfinhos. — O

golfinho, diz elle, não gosta unicamente do homem, ou antes gosta ainda mais da musica.

O sabio escriptor chega a indicar com precisão os dois instrumentos cujo som mais a precia o peixe *dilettanti*.

Mecenas, Fabio, e Flavio Allio, homens de espirito e philosophos, citam diversas aventuras do golfinho do lago Lucrin. Entre outras repetiremos a seguinte:

O golfinho do lago Lucrin deixou-se possuir de extrema amizade por um menino que todas as vezes que ia ao collegio, seguindo de Baies para Pouzolles, costumava lançar-lhe pedaços de pão. Ao primeiro chamado do menino o peixe corria do fundo das aguas para a superficie, tomava a sua ração, e em recompensa apresentava-lhe o seu dorso, sobre o qual transportava-o até á porta do collegio.

Findas as aulas a mesma cerimonia, e isto por muitos annos.

Um dia o menino adoeceu e morreu: não o vendo mais o golfinho entristeceu-se de tal forma que afinal tambem morreu.

Um cão não o teria feito melhor.

E quantos prodigios não se contam dignos de admiração neste sentido? No entanto, nós os vemos e deixámo-los passar desapercibidos. Entre estes pôde-se citar as teias que a aranha tece, a guerra que os macacos se fazem, e mesmo o jogo de cartas em que alguns cães ensinados mostram-se peritos.

Muitos passaros tambem ha que aprendem a ler e a escrever, e que depois o fazem melhor que muita gente boa, que por ahi ha com foros de litteratos.

Desses passaros dizem haver alguns que chegam até a compor typographicamente, tirando uma a uma todas as letras da caixa.

Audigier.

Os inuteis.

Se os leitores querem saber alguma coisa acerca dessa classe de individuos a quem damos o nome de *inuteis*, ouçam o que a seu respeito diz o folhetinista francez, Julio Leconte.

Muito se falla acerca dos homens *perigosos*; no entanto muito mais ha que dizer-se sobre os *inuteis*.

Os *perigosos* ou *prejudiciaes* dividem-se em duas classes: aquelles cuja vigilancia e punição acha-se a cargo da lei, e aquelles em que a lei não encontra uma ponte por onde possa pegal-os, por isso que sua acção malefica não está comprehendida nos delictos qualificados no codigo.

Estes ultimos, que chegam até a afrontar as leis impudentemente são malfatores, cujos vícios e erros pesam sobre a sociedade em geral. Ex-

cessivamente vaidosos, curiosos, indiscretos, traidores, ingratos e intrigantes, são os *perigosos* desta especie. Participam de todos os sete peccados mortaes, e só no confessorio podem obter indulgencia e serem perdoados.

A justiça humana pôde evitar os terriveis males que provem destes entes funestos, e o faz desmascarando e expulsando-os dos seus salões, onde na sua passagem deixaram o dolo, o abuso, e o escandalo.

Contra os *prejudiciaes* sempre ha um recurso; mas contra os *inuteis*, contra esta outra peste?

Os leitores conhecem por ventura um homem *inutil*?

Os *inuteis* são homens sem defeitos nem qualidades, ternos, vagos, incolores, insipidos, que a cada passo se encontram e que para cousa alguma servem. Os *inuteis* nem ao menos tem o merito de serem prejudiciaes; não podem mesmo sê-lo.

A sociedade nada tem a esperar desta variedade, parasita da familia humana. Se os interroga, se os sonda, se os estuda, sómente lhe responde um som ouco e abafado, como o eco que parte do fundo dos abysmos e nos mostra a immensidade do nada.

Sua presença enfastia, aborrece, paralisa uma sociedade, uma reunião de amigos, de litteratos. Introduzem nos salões a insipidez, esfriam a conversa mais animada, e tem o effeito da chuva quando *peneira*, como se diz vulgarmente.

Mal se pôde phisica e moralmente descrever este typo tão chato, tão nullo e tão *molle*, que me aborreço fallar nelle, que a leitora é até capaz de fazer somno. Creio que a leitora deve conhecer alguma dessas... individualidades.

Não se pôde dizer se o *inutil* é velho ou moço, gordo ou magro, baixo ou alto, claro ou moreno, bonito ou feio, espirituoso ou estúpido, rico ou pobre, bom ou máo... Nada se pôde dizer a seu respeito... nada... absolutamente nada!

Existe no seio da humanidade como uma dessas obras de espirito ou de arto tão horriavelmente mediocres, que menos supportaveis ainda são do que uma reconhecidamente má.

Se os *inuteis* fossem alguma cousa, mesmo um pouco prejudiciaes, não importa em que sentido, seria isto uma das faces por onde poderíamos consideral-os; apresentariam então uma superficie contendo alguma cousa que merecesse talvez elogio, ou finalmente leriam um ponto de apoio, por cujo lado haveria possibilidade de alacal-os. Mas qual! em sua triste e deploravel nullidade não se lhes encontra nem mesmo um lado máo.

Parece-nos estar vendo vinte dessas... *sombras* passarem agora uma a uma pelo pensamento: nada indicam ser, nem mesmo feios,

nem desmiolados, nem malvados, nem prejudiciaes: não são animaes, não são cousa alguma!

Conheço algumas vinte *individualidades* deste genero; não são homens nem mulheres: para serem homens alguma cousa do viril, de apaixonado deveriam representar; para serem mulheres falta-lhes a graciosa sympathia. Serão antes o hermaphrodismo da esterilidade da impotencia, da inacção, da preguica, da indolencia, da nullidade. Não podem conceber, nem podem produzir.

A' mesa, para onde são convidados por necessidade, comem bem; no theatro dormem; nos bailes falta-lhes o ar e sufocam; dentro em si mesmos aborrecem-se da vida. Dos *inuteis* nada se pôde esperar, não tem o menor presentimo.

Desafio os leitores a ver se encontram nos *inuteis* alguma cousa que se pareça com vicio ou virtude, coragem ou medo: são incapazes de sentir um affecto, uma sympathia, uma dedicação, e de darem um conselho, formarem um juizo, emitirem uma opinião. Pôde ser que vivam, que respirem, mas são mui pequenos para terem qualquer aspiração.

Inuteis para todos como são os *inuteis*, podem por ventura ser uteis a si mesmos?

E' uma felicidade quando elles morrem.

Quando algum *inutil* desaparece só lhe dão pela falta os seus herdeiros, miseros a quem as conveniencias sociaes obrigam a deitar luto. Elles morrem e o resto da sociedade nem sente a falta que deixam.

O unico facto real, positivo e sensivel do seu desaparecimento é inteiramente phisico: pode-se comparal-o com uma gotta d'agua cahindo constante em um formigueiro, e impedindo o previdente trabalho dos pobres insectos, ou com uma pedra atirada no meio do rio e fazendo desviar a sua livre carreira. A gotta seccando, a pedra sumindo-se, os insectos e o rio continuam no seu regular andamento: assim o *inutil* quando morre deixa a sociedade livre de mais um empecilho.

A dama dos cravos vermelhos.

(Continuação.)

Logo que todas as criadas do palacio retiraram-se para os seus respectivos aposentos, a princeza levantou-se e tocando em um pequeno botão, quasi imperceptivel que na parede havia, fez abrir-se uma pequena porta disfarçada pelas columnatas que sustinham aquellas abobadas. Ante ella deitado sobre felpudos tapetes, estava um manco que parecia dormir um somno febril:

era Orso Furio, o bandido, um filho da loba romana, dessa mãe tão cansada e ao mesmo tempo tão fecunda.

Nascido no meio dos combates, envelhecido pelas dores, alma stoica, espirito ardente, apaixonado, capaz de excessos tanto no bem como no mal, o bandido era um desses homens a quem se condemna quando se admira, e que matam apaixonando. Era um desses homens que tornando-se depositarios de uma idéa marcham sem descansar, capazes de levantar o mundo, tendo a fé por ponto de apoio e o verbo por alavanca! Sobre a imaginação ardente e fraca das mulheres homens destes exercem extraordinario dominio: parece até que o destino prodigalisando para com elles os maiores soffrimentos, reserva-lhes tambem os mais bellos amores. Era esta a historia de Orso Furio; tinha soffrido e tambem tinha amado. Associado á seita dos carbonarios seguia em sua carreira o rei cavalheiresco que a Italia proclamava com a independencia, enquanto todas as vistas desviavam-se da cruz de S. Pedro para se fixarem nos copos de sua espada; correndo de campo em campo de batalha vio a grande victima, a Italia, cahir vencida e ferida na cabeça e no coração!

Quando as tropas reaes entráram em Napoles, Furio prolongou a luta no meio da Sicilia, depois nas montanhas; rodeado dos perigos e trabalhos de sua vida errante tantas vezes ferido e soffrendo, afinal escapou á vigilância dos seus inimigos refugiando-se no palacio Corregliani, que como um asilo inviolavel abriu-lhe as suas portas. Alli passara dias felizes, até que contemplando-se nas armas de seus companheiros, e corando de vergonha, procurava de novo lançar-se no meio das vigílias e dos combates para com elles partilhar a mesma sorte. Perseguido pela policia, porem, com a cabeça posta a premio, o proscripto não pensava quanto expunha de sua vida, mesmo naquella palacio, por cada um dos beijos da princeza. Esta não o ignorava tambem, e por isso chorava, pedia, e seus terrores lhe eram tão caros e preciosos como as suas lagrimas. Bella, com o duplo resplendor da mocidade e da fortuna, contemplava com as mãos juntas erguidas para o céu o misero paria; era a Annuenciação.

Defronte de um oratorio que se destacava com toda sua magestade daquellas frias paredes, a princeza ajoelhada, rezava, sem que o desgraçado tivesse animo de respirar um pouco mais alto, com receio de distrahir-a de suas ternas meditações. E' que esta mulher levava para aquelle homem um coração inteiro, a esperança no futuro e a felicidade no presente!

— Porcia! disse a final o bandido. Porcia! fica assim... e ouve-me!... Mas ella já o estreitava em seus braços, deixando-lhe cahir sobre o rosto lagrimas caídas como as gotas de chuva antes da tempestade. Um sorriso illuminou as faces do proscripto, que lançando-lhe um olhar que a abraçava toda, parecia querer recordar-se de todos os seus encantos. — Porcia! disse elle

ainda: extremo adeus te vou dizer... morreram as minhas esperanças; meus companheiros d'armas serão amanhã levados ao supplicio; a desgraça nos toca; eu vivia para elles, com elles devo morrer!

A princeza ouviu aquellas palavras solemnes como uma sentença, e chegando-se-lhe ainda mais, disse:

— Não falles assim; aqui não corres o menor perigo, e quero que vivas para o meu amor.

— Não ha mais do que uma esperança, e é de salvar-se o navio que preparei para sua fuga. Se não poderem salvar-se um tiro annunciar-me-ha o perigo e então farei o que me cumpre, irei tambem entregar-me.

— E o que me importam os teus companheiros? exclamou a princeza: o que eu quero é a tua vida, que mesmo aqui já se achia ameaçada: segue-me, fujamos! em qualquer parte para onde fôres, encontrarás o céu de tua patria no azul de meus olhos e a liberdade nos meus braços. Fujamos! a demora é a morte!

— A fuga é a infamia!

— Mas eu não quero que morras!

— E o que te importa?

— Pois não sabes que te amo?

— E tu não sabes que te odeio?

— Meu Deus! disse ella cahindo de joelhos.

— Não guardo senão um remorso, Porcia: é o de haver-te amado muito! Quando meu coração somente pulsava pela patria as balas sibillavam aos meus ouvidos e não me tocavam: eu era o espirito da justiça e da luta; ninguém podia alcançar-me, eu era multiplo; não matavam-me, eu era eterno! tinha um sacerdocio a cumprir, e só uma mulher do meu genio, poderia comprehender e amar-me. Perem vi-te, ó princeza! sorriste-me e eu tremi!... A um teu aceno caíram-me as armaduras, peça por peça: parei, sem haver chegado ao meu fim, e os nossos amores vão desaparecendo como em Junho a agua das torrentes. Quando meus irmãos caíam feridos pelas balas, ou afogados nos mares, o que me retinha aqui? não eras tu? Quando vão perecer sobre o cadafalso, quem me falla de fuga? ainda és tu! Oh! não procures juntar o meu desprezo ao odio: se algum dia sonhei, é tempo de despertar: quero que minha vida ou minha morte sirva de modelo ou de exemplo: todo inteiro quero pertencer á causa da liberdade e da patria, a ti, oh! nunca!

A princeza comprehendeu que esta resolução era inabalavel, e nada respondeu. Combatida pela colera e a compaixão retirou-se tristemente daquella camara sombria. Desde muito tempo que ella previa uma adversidade: graves suspeitas já lhe haviam atravessado o es, irito como nuvens de chumbo em um céu inflamado.

Com um pensamento egoista como o sentimento que o inspirava, ella julgou que ainda era tempo de conjurar a tempestade. — A vida lhe tornarei tão bella, disse consigo mesma, que elle não mais se lamentará de viver.

(Continua.)

Revista de theatros.

(12 DE NOVEMBRO)

SUMMARIO: — S. PEDRO. — *Sineiro de S. Paulo.* — GYMNASIO. — *Feio de corpo e bonito n'alma; Os amores de um marinheiro; Luiz.*

Prometti na minha revista passada algumas considerações sobre o *Sineiro de S. Paulo*. Fiz mal; contava com mais algumas representações do drama, e enganado em minha esperança, acho-me agora com apprehensões muito fugitivas para uma critica precisa e imparcial.

Desta vez realicei um proverbio... oriental creio eu: ninguém deve contar com as suas esperanças; verdade não simples que não precisava as honras de um proverbio.

As apprehensões fugitivas de que fallo, tocam apenas na parte minuciosa do drama e do desempenho. Sobre o todo talvez podesse dizer alguma coisa.

Extranhei o annuncio do *Sineiro de S. Paulo*. Não me pareceu coerente arrancar do pó do archivo aquelle drama, velho na forma e no fundo; paulado sobre os preceitos de uma escola decahida, limpo totalmente de merito litterario.

Estamos no meio dia do seculo. A arte, como todos os elementos sociaes, tem-se apurado, e o termo em que tocam, é tão avançado já, que nenhuma força conservadora, poderá fazel-a retroceder.

Aqui reprovei inteiramente aquella exumação O *Sineiro de S. Paulo* pertence á adolescencia da arte; e a arte hoje entra em uma idade mais viril, e de mais serias vistas.

Sem cunho litterario, sem oportunidade de gosto, o *Sineiro de S. Paulo* não podia satisfazer ás necessidades do povo, nem justificava um longo estudo de desempenho.

São facéis de conceber estas asserções; e eu que as escrevo, conto com os espiritos que veem na arte, não uma carreira publica, mas uma aspiração nobre, uma iniciativa civilisadora e um culto nacional.

Tenho ainda illusões. Creio ainda que a consciencia do dever é alguma coisa; e que a fortuna publica não está só em um farto erario, mas tambem na accumulção e circulação de uma riqueza moral.

Talvez seja illusão; mas estou com o meu seculo. Consola-me isto.

Não faço aqui uma diatribe. Estou no meio termo. Não nego, não poderei negar o talento do Sr. João Caetano; seria desmentido cruelmente pelos factos.

Mas tambem não lhe calo defeitos. Elle os tem, e devia desprender-se delles. No *Sineiro de S. Paulo*, esses defeitos se revelaram mais uma vez. Ha phrases bonitas,

scenas tocantes, mas ha em compensação verdadeiras nodoas que mal assentam na arte e no artista.

Espero segunda representação para entrar detalhadamente no exame desse drama. O que deploro desde já é a tendencia archeologica de pôr á luz da actualidade essas composições-mumias, regalo de antepassados infantis que mediam o merito dramatico de uma peça pelo numero dos abalos nervosos.

Não entro agora em considerações sobre o theatro de S. Pedro; pouco espaço me dão. As que devia fazer creio que deixo entrever nestas poucas palavras que expendi.

Amor ao trabalho e coragem de dedicação! Se não fôr essa uma norma de vida, aquelle tablado historico, em vez de colher louros capitolinos, ver-se-ha exposto á classificação pouco decente de hospital de Invalidos. Não lhe desejo essa posição.

Agora vamos ter ao Gymnasio, onde se deu como segunda prova do Sr. Alfredo Silva a comedia *Feio de corpo, bonito n'alma*.

Conhece esta composição, minha leitora? E' do Sr. José Romano, autor do drama *Vinte e nove*.

Escrepta debaixo de um sentimento liberal, e com intenção philosophica, nem assim o Sr. José Romano conseguiu fazer uma obra completa. Advinha-se a substancia, mas a forma é mesquinha de mais para satisfazer a critica.

A idéa capital da comedia é revellar a belleza da alma na difformidade do corpo; Antonio é o Quasimodo, menos a figura epica; entre o ferreiro e o sineiro de *Notre Dame* ha um largo espaço; aquelle tem a verdade; este tem mais ainda, tem a grandeza.

Estas observações não servem de critica. José Romano não pretendeu fazer um Quasimodo do seu Antonio, e por consequencia o seu valor está a par de sua composição.

Ha uma coisa ainda que separa Antonio do sineiro de V. Hugo, mas que o separa realçando-o, mas que o separa levantando-o, na apreciação moral. Antonio é bonito n'alma por um sentimento de amizade, por uma confraternisação de operario. Se a gratidão embelleza Quasimodo, é um pagamento de serviço, uma divida de dedicação. Antonio é pelo desinteresse que se eleva, pela fraternidade da bigorna. Avantage-se mais.

O Sr. Alfredo foi bem no papel, apesar de tão limitadas proporções. Tinha a vencer a difficuldade de comover depois de fazer rir: venceu-a. Moço de aspirações e de talento não desmentio a idéa que soube fazer nascer no publico. Já lhe dirigi a minha saudação, e sancionando-a agora, protesto-lhe aqui imparcialidade severa, para laurear-lhe o merecimento ou castigar-lhe os defeitos, chronista como sou.

O Sr. Augusto foi artista no seu desempenho; devia ser operario, foi. As maneiras rudes do ferreiro não são de certo os modos elegantes do cavalleiro de *Maubreuil*. Sonbe marcar as distancias.

A Sra. Eugenia Camara collocada na comedia, sua especialidade, fez a adela, segundo os conhecedores do typo, perfeitamente. Não sou do numero desses conhecedores mas posso pela tradição que tenho, sancionar a opinião geral.

O Sr. Martins no desempenho de um litterato parasita, não satisfaz plenamente nem a critica nem o publico. Aconselho ao artista mais cuidado; e lembro-lhe as luvas de pellica, de que o dialogo falla a cada passo, e de que elle se esqueceu, creio. Da mesma maneira lhe lembro que o exterior com que se apresenta não está de accordo com a individualidade que reproduz.

Houve terça feira, *Os amores de um maricheiro*, scena desempenhada pelo Sr. Montinho.

O creador de *Manuel Escota*, desempenhou-a como sempre. Deu vida aquella pagina sentimental, com um estudo completo do character. Na descripção da tempestade, no lugar em que, narrando com o gesto, parece que segura realmente o leme, e nos derradeiros pedaços da scena, que pronuncia chorando, mereceu bem os applausos que lhe deram, poucos talvez na opinião da revista.

E' um artista de inspiração e estudo; tem, sem duvida uma especialidade, mas eu já fiz sentir que as especialidades são communs na arte. E depois, que especialidade a do Sr. Montinho? Vejam o *Tornelino*, vejam *Manuel Escota*!

E *Balthazar* então! Ainda hontem (12) o lavrador do *Luz*, deu ao publico mais uma occasião de ser apreciado. E' ainda o lavrador de que fallei, com o estudo dos menores gestos, de todas as inflexões. Tanto melhor! confirma a opinião da critica e do publico.

O Sr. Furtado foi hontem um digno companheiro de *Balthazar*. Teve phrases ditas com expressão; sobretudo aquelle trecho em que faz a Eliza uma vista retrospectiva da sociedade; e o outro em que desenha a *Joaquim*, a missão do sacerdote. O monologo do 2.º acto vale bem o monologo do *Abel e Catim*; ha como que uma identidade de situação.

O Sr. Graça e o Sr. Augusto, estiveram como sempre na altura da sua missão.

Eliza, a figura archetypa do amor e do sacrificio, não preciso dizer que achou uma intelligente interprete na Sra. Gabriella; já o fiz sentir em outra parte, onde dei parte minuciosa do seu desempenho, e onde não sei se fiz notar os finaes do primeiro e segundo actos em que a creadora de *Marco*, se transfigura em phases eloquentes de amor e de paixão.

Não farei analyse mais funda. A minha proclividade de

chronista está satisfeita; mas della não precisa a consciencia publica para avaliar o desempenho da *Eliza de Vallindo*. Não se commenta Shakespeare, admira-se.

Termino aqui, minha leitora. Vou amanhã (domingo) a S. Januario, e do que houver lhe darei conta na minha proxima revista.

Annuncia-se tambem no Gymnasio as *Mulheres ter. riveis*. E' a *Odyssea* da Sra. Velluti, e se a leitora ainda não viu essa linda comedia, não deve faltar a ella.

M.-az.

O desengano.

(Anacronistica.)

N'uma flor, que me enviaste,
Me mandaste teus cabellos;
Houve quem tivesse zelos
P'os cabellos, não da flor.

Innocente, eu não sabia
Que trazia a flor mimosa
Uma prenda preciosa,
Tão custosa para amor.

Desde então fugi de vêr-te,
Que a dizer-te não me inclino.
Recôso do Menino,
Que destino teve a flor,

Mas é justo que a verdade
Sem maldade aqui te diga:
Já sou velho, minha amiga,
Me fatiga o Deus de Amor.

Anonymo.

O poeta.

A Miss-J.

La nature est la grande lyre,
Le poète est l'archet divin!

V. Hugo.

Se julgas, gentil donzella,
Que é sina de trovador
Cantar endeixas mentidas,
E, qual volátil cantor,
Bojando todas as plantas
Ador de flor em flor:

Se nutres tão falsa idéa,
Formosa virgem, querida,
Affasta-a do pensamento,
Deixa que a veja perdida,
Pois não quero por mais tempo
Assim te ver illudida!...

O poeta ama na terra
O ideal, donde extrae
Quasi sempre o doce canto
Que se resume n'um aii...
N'um aii... que exprime a paixão
Do peito donde elle sai!...

Saída o sol quando nasce,
Com divinal harmonia,
E quando tomba o occaso
Elle perdendo a alegria,
Tambem exprime a tristeza
Em merencoria poesia!...

Devêra ser o poeta
Sobre a terra idolatrado,
Pois, qual anjo, só se mostra
Quando por Deus inspirado,
Tendo no peito um mysterio,
Que nunca foi revellado!...

Infeliz... existe ás vezes
Qual ave triste a gemer...
Outras vezes desce ao tumulto
Sem um amigo só ter...
Quasi sempre corre o mundo
Sem ter patria p'ra viver!...

E canta... sentindo maguas
A ralar seu coração;
E foge do mundo, altivo,
P'ra gemer na solidão,
Vibrando as cordas da lyra
Com celeste animação!...

O poeta — é quasi um Deus,
A natureza animando
Com seus versos, ora alegres,
Ora tristeza inspirando...
E, qual o cantor soturno,
Qual cysno, morre cantando!

Abatido... e sempre triste,
Tem um firme pensamento,
O de amar os lindos astros
Que brilham no firmamento.
Por que os astros respeitam
Seus pozares... seu tormento!

Não julgues mais, innocente,
Que és sina de trovador
Cantar mentidas endeixas!...
Pois não existe um amor,
Que se iguale ao que elle sente,
Tão firme... com tal fervor!

Assim... affasta essa idéa,
Meu formoso seraphim...
Idéas falsas não devem
Dormecer um Cherubim,
Nem deve um anjo zombar
Dos outros anjos assim!...

1855.

Enlevo.

A' luz de uns olhos seductores, bellos,
Ardi em zelos, vacillei, tremi:
Nas trevas densas de um porvir remoto
Triste, ignoto, minha fé perdi.

Ardeu-me o peito n'um vulcão de amores,
E nunca as flores me sorriram n'alma:
No meu caminho tropecei, cahi,
E perto vi do soffrimento a palma.

Como da lenda o peregrino, errei,
E não parei no caminhar sem fim:
As primaveras, oh! cruéis morreram,
E não me dêram de esperança um sim.

Amei, meu Deus! de tanto amor deseri,
A fé perdi, desesperei, bem cedo...
Que vale ao pobre tanto amor no peito
Se á dor affeito até de amar tem medo!

Se aquelles olhos seductores, bellos,
Porque de zelos já penei tremente,
Não dão-me fallas de amoroso encanto
Que vale um pranto de illusões dormente?

Se aquelles labios não me dão um sim,
Nota sem fim de apaixonado enleio,
Nada no mundo o meu desejo aquece,
Nem adormece o palpitar de um scio.

Quero rever-me nos teus olhos bellos,
E ardendo em zelos me abraçar d'amor.
Dá-me a ventura n'um sonhar tão breve
Que nem de leve crestarás, ó flor!

Chronica elegante.

Já tinha uma chronica em verso sobre modas quando recebi a noticia da chegada do *Oncida*: contente esperava já ter cumprido a minha missão, e eis-me na triste contingencia de repetir o que mandam-me dizer pelo paquete!

Afinal de contas como o que soube foi por um vapor, a vapor irei tambem transmittindo á bella leitora o que lhe possa interessar.

Começarei prevenindo-a de que o tal paquete nada trouxe de novo; esteril tem sido naquella parte do mundo, por excellencia innovadora, o espirito indagador de tudo quanto pôde ser elegante e apropriado aos salões.

Esperava que o meu correspondente me faria desta vez a remessa tão suspirada dos figurinos para as leitoras desta revista. Mas qual!

Uma carta sua que recebemos explica-nos esta falta:

« Meu amigo. — Paris está encapotado; os homens não largam o *surtout*, e as moças os chales e os *talmas* de cachemira ou velludo: a moda inverno, e não ha quem lhe veja a cara. Fôra por isso impossivel mandar-lhe qualquer noticia nova (bem se vê).

« O inverno em Paris corresponde quasi ao verão no Rio: usa-se aqui de fazendas de lan quando lá deve-se começar a usar as cassas e fazendas mais ligeiras. Queria pois que lhe mandasse a descripção de um desses *toilettes*? Quanto seria ridiculo ver uma patricia sua, com um tempo desses, trajar um vestido afogado, e ainda por cima dos hombros trazer um chale de lan!

« Por esta razão não lhe mando ainda figurinos: a desculpa é valiosa e será attendida.

« Para não ficar parem com agua no bico e para não pensar que a falta provem do meu pouco zelo, quero sempre dizer-lhe mais duas palavras.

« Este nome—*Zuaro*—já não exprime unicamente um povo, uma tradição, uma idéa de gloria; encarnou-se no *toilette*, e ali temos os vestidos, á *Zuaro*.

« São estes vestidos, meu amigo, os que mais acceitação tem merecido das parisienses nestes ultimos dias. Podem ser de musselina, de cachemira, de velludo, de seda e de panno preto ou mesclado. A saia, quando de musselina, costuma ser ornada de babadinhos até o seu terço superior; e, quando de fazenda mais pesada, completamente simples. O corpinho é afogado e abotoado na frente, fingindo *basquine*; eu então apresenta dois bicos, um na frente e outro atrás. Quanto a mim, se é que pôde ser valiosa tal opinião, pendo mais a favor dos *basquines*.

« Ha quem use tambem já daquellas saias com o corpinho de seda.

« Os vestidos de seda, mais proprios para visitas de cerimonia, tem as saias enfeitadas com rendas de *Chantilly*; estas guarnições começam um palmo logo abaixo do corpinho, e vão progressivamente se alargando.

« Os chapéus são de palha, de velludo, e tambem de nobreza de côr.

« Aqui tem o meu amigo em meia duzia de linhas o que de novo ha no nosso mundo elegante. Se entender que lhe podem servir de alguma coisa estes apontamentos, faça delles o uso que lhe convier. Não repare no prosaico da linguagem nem no laconismo; não sei florear.»

Já vê a leitora que nada mais resta-me a dizer-lhe hoje.

Como penso porem que as nossas modistas devem receber pelo paquete que entron, e que tambem já sahio, algum variado sortimento de fazendas, espero que saiam ellas da alfandega, e então na proxima chronica lhe communicarei o que houver vindo de novo.

Não se zangue a leitora comigo, a moda inverno, está encapotada, como muito bem disse o nosso correspondente.

Aos nossos assignantes.

Pedimos aqui desculpa aos nossos assignantes da demora e retardamento da entrega de alguns numeros desta revista. No empenho de cumprir o nosso dever, na tarefa escabrosa de jornalista, temos empregado todos os meios de regularisarmos a nossa empresa, e um dos primeiros cuidados tem sido a boa ordem na entrega do nosso semanario. Apesar disso porem, sendo essas irregularidades inherentes ás empresas nascentes, apesar de grande esforço, continuam independentes de nossa boa vontade e dedicação.

As irregularidades não param aqui; estendem-se ainda ao numero avultado de erros *typographicos*. Militam aqui as mesmas razões e as mesmas desculpas devem ser acceitas pela benevolencia dos leitores.

E confiados nesta benevolencia que caminhamos cheios de fé e de vontade. Conscios da missão que nos impomos, esse cumprimento de deveres, não tem para nós, o alvo do contentamento publico, mas tambem os applausos intimos, e a sanção da nossa consciencia.

Typ DE F. O. QUEIROZ REGADAS

Praça da Constituição n.º 9.

1859.